



As mulheres, “Bruxas” e o sexo na Idade Média

Yasmin Gabryelle de Lima Torres
Universidade Estadual de Goiás
yasming.limatorres@gmail.com

Resumo: Este artigo procura difundir o interesse e importância do estudo de gênero. Essa ideia é justificada pela tentativa de desconstrução da ideia de “bruxaria” e esclarecimento dos primórdios da misoginia. Este trabalho tem como foco principal a vivência feminina no medievo trazendo aspectos como a hierarquia imposta pelos monges responsáveis por decidir os papéis sociais; a visão social demonizada do corpo feminino e de seu funcionamento fisiológico através dos olhos daqueles não detentores destes corpos, ou seja, aqueles mesmo monges e, finalmente, os ideais relacionados à sexualidade das mulheres e das “bruxas”. A metodologia de pesquisa baseia-se em artigos e livros sobre a mulher, o corpo e a “bruxaria” femininos no período medieval, tais como “*As Bruxas Noivas de Satã*” de Jean-Michel Sallmann; “*Ser Mulher na Idade Média*” de Maria Filomena Dias Nascimento e “*Visões Sobre o Feminino e o Corpo na Idade Média*” de João Dias Pires, entre outras fontes de pesquisa. Tem-se como objetivo ampliar a pesquisa e o interesse de se ter conhecimento do estudo de gênero e sua importância não só para as mulheres, mas também para a sociedade atual de forma geral.

Palavras-chave: Idade Média. Bruxaria. Cópula. Sabá. Corpo e Fisiologias.

Introdução

“Ao nascer, a Bruxa não tem pai,
Nem mãe, nem filho, nem esposo, nem família.
É um monstro, um aerólito,
vindo não se sabe de onde.
Quem ousaria, ó Deus, dela se aproximar?
Onde está ela?
Nos lugares impossíveis,
na floresta das sarças, na charneca,
onde o espinho e o cardo enredados
obstruem a passagem.
À noite, sob um antigo dólmen.
Mesmo que a encontremos, continuará isolada
pelo horror que provoca;
ao seu redor, um círculo de fogo.
Mas quem acreditará nisso?
Continua a ser mulher.
Até mesmo essa vida terrível,
comprime e estende a sua energia de mulher,
a eletricidade feminina. [...]
De uma espécie diferente, sai Satã
do seio ardente da Bruxa, vivo, armado
e pronto para atacar.
Por mais medo que sintamos,



temos que confessar que, sem ele, morreríamos de tédio”.
Jules Michelet, La Sorcière.

Esse artigo será escrito tendo como objeto de estudo as mulheres e as “bruxas” na Idade Média e terá como ponto principal a análise da visão do corpo da mulher no medievo, não somente no quesito da sexualização do corpo, mas também do caráter fisiológico do corpo feminino.

O artigo estuda a exploração da sexualidade feminina feita pelas “bruxas”. Trazendo também uma pequena comparação anacrônica entre os atos da “bruxaria” e o feminismo atual. Também contará com contrapontos, ideologias e sentimentos, como medo e repulsa por exemplo, referentes a tais mulheres pela Igreja e comunidade cristã relacionados aos dois temas.

A Idade Média foi um período marcado pelo poder e dominação religioso da Igreja Católica, influenciando assim a construção cultural e social de forma geral da época e, principalmente, a imagem da mulher medieval.

As teorias sobre o papel das mulheres na idade média foram desenvolvidas por padres que se basearam nas Sagradas Escrituras: A mulher era filha e herdeira direta de Eva, a fonte do Pecado Original e um instrumento do diabo. Pela mesma razão, a mulher era considerada mais “vulnerável” às tentações diabólicas e considerada um ser perigoso a todos, mas principalmente ao sexo masculino. Vista como inferior ao homem porque, segundo as Escrituras, foi criada a partir de uma costela recurva de Adão e passou a ser vista como um ser diabólico por ter sucumbido à serpente e, ainda, ter feito Adão cometer o mesmo pecado ocasionando, assim, a expulsão de ambos do Jardim do Éden.

A imagem feminina também é construída a partir de uma oposição entre ‘feminino’ e ‘masculino’. Esta oposição parte do princípio de que o homem está sempre ligado à honra, à espiritualidade, retidão, virilidade e a mulher está ligada sempre ao oposto dessas virtudes. Ou seja, a mulher torna-se um ser negativo por falta de virtudes presentes somente no sexo masculino.

Também existe a crença da existência de duas essências: a de natureza feminina e a masculina. No caso da essência feminina, acreditava-se que, independente de qual grupo social a mulher pertencesse, pelo fato de sua essência ser feminina, ela é mais frágil, ardilosa, perigosa e moralmente debilitada.



Por conta de seu caráter maligno, a mulher deveria ser disciplinada e, devido a isso, a Lei Canônica¹ permitia o espancamento da mulher em todo e qualquer nível social além de, legalmente, a mulher não podia servir como comandante militar ou ter um cargo público. Essa proibição foi justificada pela Lei Secular que afirma a natural futilidade feminina, inteligência limitada e sagacidade; A Lei Eclesiástica justificava-se no pecado original e a Literatura Sobre os Estados² dizia claramente que a mulher não deveria ocupar nenhum espaço público, somente dedicar-se às suas ocupações femininas e domésticas.

De forma geral, o padrão comportamental da mulher era decidido por didáticos cristãos e as normas eram também baseadas nas Escrituras: a mulher e os filhos devem ser submissos ao poder e domínio do homem, portanto, a primeira lição que lhes era ensinada era a obediência.

Com a ascensão do Culto à Virgem Maria, as mulheres ganharam dois novos papéis que serviriam como uma contribuição para “redimir” a sua condição feminina: a virgindade, elas poderiam levar uma vida celibatária. Ou, para as que não conseguissem manter-se em castidade, poderiam exercer o papel da maternidade.

Entretanto, haviam as mulheres que não se encaixavam em nenhum dos papéis propostos pela Igreja. Essas eram as que se tornavam “bruxas” – uma das piores heresias.

As “bruxas” eram as mulheres “livres” do medievo, no sentido de que abdicavam uma vida religiosa para se entregar aos seus desejos carnis, entregando-se ao próprio corpo e sexualidade conhecendo e aceitando a sua capacidade orgástica – um grande pecado na época, além de serem consideradas ainda mais perigosas à sociedade e, principalmente ao sexo masculino, em especial àqueles que pretendiam continuar no caminho de uma vida espiritual.

Essas mulheres, as “bruxas”, na visão social e/ou católica, tinham grandes poderes adquiridos através da venda de sua alma para o Diabo, para um pacto com este último. Poderes como, por exemplo, caso a plantação fosse infestada de pragas ou a colheita fosse ruim, a ideia era que uma “bruxa” amaldiçoou ou enfeitiçou o local. Os

¹ A Lei Canônica ou Direito Canônico é um conjunto de normas que regem a vida da comunidade eclesial sendo esta não somente os com mais poder dentro da hierarquia católica como o Papa, Bispos e Padres, mas também rege toda a comunidade católica.

² Definia o papel social de cada grupo dentro da sociedade.



desastres naturais também eram ligados ao poder dessas mulheres. Acreditava-se também que elas poderiam se locomover através do voo. Esse fato vinha através de duas formas: a) as “bruxas” poderiam estar montadas em algum demônio invisível ou transmutado em algum animal terrestre; e b) elas poderiam fazer uma espécie de pomada com a carne de bebês mortos – principalmente os que morreram antes de serem batizados. Essa pomada era espalhada por todo o seu corpo e também sobre o objeto que fosse usar, como uma cadeira ou vassoura. Segundo inquisidores e pessoas comuns da sociedade, elas também tinham a habilidade de transmutar-se em animais, sendo os principais: aves de rapina, com coruja e águia, gatos e lobos.

Uma curiosidade importante é que o termo “medicina” se originou de uma prática “bruxa”. Diz-se que elas costumavam andar com suas ervas guardadas dentro de uma pequena “bolsa” amarrada na cintura. Essas “bolsas” eram chamadas ‘mezinhas’.

O pensamento religioso desenvolveu uma forte misoginia que afirma que a mulher é o ser instrumental do mal, tanto que o monge Jacques de Vitry afirmou que era melhor “aproximar-se de um fogo ardente do que de uma mulher jovem. Por causa da mulher, muitos homens estão mortos.” (PILOSU, 1995. Pág. 60.) E no *Malleus*, Kramer e Sprenger afirmam que a mulher “embora seja bela aos nossos olhos, deprava o nosso tato e é fatal ao nosso convívio.” (*Malleus Maleficarum*, 1991. Pág. 120.) Havia também lendas de que o Diabo se apossava do corpo feminino para fazer os homens caírem na tentação que era a luxúria.

No meio de toda essa ideia maligna que foi repercutida sobre a mulher na Idade Média, temos um dizer do monge francês Marbode de Angers:

Dentre as incontáveis armadilhas que o nosso inimigo ardiloso armou através de todas as colinas e planícies do mundo, a pior é aquela que quase ninguém pode evitar: é a mulher, funesta cepa de desgraça, muda de todos os vícios, que engendrou no mundo inteiro os mais numerosos escândalos.³

Os Tratados da Vida Matrimonial expressavam que o ato sexual era feito única e exclusivamente para reprodução e também deixavam em evidência o poder masculino já que o homem poderia aproveitar seus prazeres sexuais com outras mulheres. Sua esposa pertence a ele, sendo ela limitada a um só parceiro que seria o responsável pela

³ DALARUN, 1990.



educação da mulher e por sua vida pura. Mas ele, o próprio homem, pertence somente a si mesmo.

No imaginário medieval dos médicos e estudiosos, o corpo feminino era exatamente igual ao masculino, inclusive as genitais, porém, segundo o Bispo de Emésia “elas possuíam-nas no interior do corpo e não no exterior.” Mas Galeno, que recorreu às dissecações feitas por um anatomista de Alexandria disse que a mulher não passava de um homem imperfeito e por isso seus órgãos genitais eram escondidos. Ele entendia o útero como uma bolsa escrotal, os ovários como os testículos e a vagina como o pênis interior.

Ainda sobre a fisiologia do corpo feminino, entramos no quesito: ciclo menstrual. Os homens do medievo tinham medo do sangue menstrual. Alberto Magno dizia que o sangue ficava acumulado no corpo da mulher e, em busca de uma saída, poderia ser expelido pelos olhos, além de ter a capacidade de envenenar uma criança. Acreditava-se também que o sangue da menstruação impedia a germinação das plantas, passava raiva aos cachorros e podia até mesmo matar a vegetação. Os homens eram aconselhados a fugir de mulheres, enquanto menstruadas, porque elas usavam seu sangue como veneno e poderia levar a loucura ou à morte quem o bebesse e as mulheres aconselhadas a manter-se isoladas enquanto estivessem no período fluido do ciclo.

Quando uma mulher tiver seu fluxo, um fluxo de sangue no corpo, ela ficará impura durante sete dias. Todo o que a tocar ficará impuro até tarde. Todo móvel sobre o qual ela deitar durante sua impureza e todo objeto sobre o qual ela se sentar ficará impuro. Todo o que lhe tocar o leito lavará as suas vestes, banhar-se-á na água e ficará impuro até à tarde. Se houver um objeto sobre o leito ou sobre a cadeira na qual ela se sentou, aquele que a tocar ficará impuro até à tarde. Se um homem tocar nela e a impureza dela passar a ele, ficará impuro durante sete dias e todo leito sobre o qual se deitar ficará impuro.⁴

Os teólogos aconselhavam que os homens desconfiassem da mulher, pois sua natureza feminina era enganadora e perversa. Até mesmo as mulheres puras eram consideradas perigosas, João Crisóstomo afirma que “o olhar das mulheres toca e perturba nossa alma, e não o olhar da mulher desenfreada, mas também o da mulher decente. ” (RANKE-HEINEMANN, 1996. Pág. 134.) E também diz que “no meio de

⁴ Levítico, XV, 19 – 24.



todos os animais selvagens, não se encontra nenhum mais nocivo do que a mulher. “ (LAQUEUR, 2001. Pág. 118.)

Além de que, seu corpo era infestado pelo pecado de Eva, tornando-a fonte dos pecados da carne e, por esta razão, a sexualidade feminina não deveria ser explorada.

Como já dito, as mulheres eram mais suscetíveis às tentações diabólicas e, sexualmente falando, essa pré-disposição ao mal diabólico aumentava infinitamente porque acreditava-se que, quando as mulheres ficavam sexualmente excitadas ou melancólicas, era o momento em que o Diabo conseguia seduzi-las e colocá-las ao seu serviço. Dizia-se que as mulheres, principalmente as “bruxas”, eram capazes de copular com Íncubos – demônio sexual masculino. As viúvas, mais que outras mulheres, eram ainda mais suscetíveis ao coito com demônios pela falta de um homem que pudesse protegê-las, como foi o caso de “Adrienne d’Heur: tinha cerca de 60 anos e era viúva de Pierre Bacqueson, foi acusada à Inquisição por seu comportamento sexual irregular com trinta e duas testemunhas que depuseram contra ela. ” (Bruxas Noivas de Satã – Jean-Michel Sallmann, Rio de Janeiro. Objetiva 2002, pág.66)

Essa cópula poderia ser realizada no meio das matas e campos ou mesmo dentro de casa enquanto os respectivos maridos dormiam ao lado pois o coito feito com demônios era invisível aos circunstantes:

As próprias bruxas muitas vezes têm sido vistas deitadas de costas nos campos ou nas matas, nuas até o umbigo, e vê-se pela disposição dos membros que se relacionam ao venéreo e ao orgasmo, como também pela agitação das pernas e das coxas, que, de maneira inteiramente invisível para os circunstantes, estão copulando com demônios Íncubos...⁵

Entende-se através da descrição da cópula com demônios que essas mulheres, provavelmente, estavam cometendo um outro ato que, até os dias atuais, é considerado pecaminoso pela Igreja Católica: o auto estímulo sexual. Apesar disso, a ideia que também prevalecia era que os demônios sexuais, tanto íncubos quanto súcubos – o demônio sexual feminino – poderiam se manifestar também dentro dos sonhos das pessoas, adentrando neles e copulando com elas. Essa era uma forma de explicar os sonhos eróticos e as poluções noturnas.

⁵ Malleus Maleficarum (Martelo das Feiticeiras), Kramer e Sprenger 1991, pág. 253.



As cópulas aconteciam de forma mais frenética durante os Sabás, que eram reuniões das “bruxas” tidas como “Missas Negras”. O Sabá era o símbolo do rito que as mulheres “bruxas” usavam para renegar a fé cristã.

Nos Sabás, os ritos católicos eram modificados em orações que profanavam e ofendiam os principais símbolos do cristianismo. Aconteciam, principalmente, em dias sagrados para a comunidade cristã como exemplo o Natal, a Páscoa e outros dias santos para, segundo os inquisidores, ofender à Cristo e ao Criador.

Eram organizados como grandes festas, onde as mulheres desfrutavam de um enorme banquete e dançavam freneticamente – há pinturas que representam as danças sabáticas de uma forma intimidadora, assustadora e também lasciva, dando a entender que estavam possuídas. Acreditava-se que elas poderiam levantar voo e transfigurar seus corpos, vestiam-se muito bem, mas tinham patas de gato, por exemplo. O Diabo estava sempre presente nessas festas sabáticas transmutado na forma de algum animal, frequentemente como um bode. Os Sabás terminavam com orgias onde as mulheres desfrutavam dos prazeres carnavais enquanto copulavam entre elas e com os demônios.

Rituais de sexo e luxúria, os Sabás eram tidos como odes a Satã, festas macabras nas quais se comia carne de recém-nascidos, entrava-se em transe e após danças frenéticas as bruxas copulavam com o Diabo. Foram descritos como missas negras, nas quais os adeptos renegavam a fé cristã por meio do que Inquisição supunha ser um arremedo das práticas católicas.⁶

Ainda sobre sexo, a ideia de que as mulheres o faziam com demônios ou, às vezes, até com o próprio Satã, foi tão intensificado dentro da sociedade que o próprio sexo passou a ser temido. No *Malleus*, Kramer e Sprenger escrevem um trecho onde deixam claro o poder dessas “bruxas”:

Existem, conforme se lê na Bula Papal, sete métodos pelos quais elas [as mulheres] contaminam, através da bruxaria, o ato venéreo e a concepção; primeiro: fomentando no pensamento dos homens a paixão desregrada; segundo: obstruindo sua força geradora; terceiro: removendo-lhes o membro que serve ao ato; quarto: transmutando-os em bestas pela sua magia; quinto: destruindo a força geradora das mulheres; sexto: provocando aborto; sétimo: oferecendo, em sacrifício, crianças aos demônios, além de animais e frutos da terra, com que causam enorme males.⁷

⁶ ZORDAN, pág. 334.

⁷ *Malleus Maleficarum*



Ou seja, as “bruxas” possuíam, além de tantos outros poderes, a capacidade de inutilizar o órgão reprodutor masculino através da impotência ou simplesmente arrancando-o e ainda, temiam que se o coito fosse praticado durante o fluxo menstrual da mulher, isso poderia matar o homem.

Considerações Finais

Vê-se então, de forma bastante clara a predominância masculina em todos os quesitos sociais. Até mesmo no sexo, cujo ato era regulamentado pela Igreja e realizado em um templo para que não houvesse durante o coito posições profanas que viriam a trazer crianças deformadas e afins. Os homens ditavam o comportamento feminino de uma forma tão profunda, que até mesmo quando se tratava da fisiologia do corpo, nesse caso especificamente, a menstruação, eram eles quem afirmavam como as mulheres deveriam reagir durante seu período. O detalhe é que esses homens, na maioria dos casos, eram os monges, os quais não poderiam ter contato com mulheres e tinham que levar uma vida celibatária. Ou seja, homens que não conheciam basicamente nada sobre o corpo feminino, decidiam o que ele significava e como as mulheres deveriam lidar.

É possível compreender também que as mulheres eram moldadas não por si, mas pela fé cristã, o clero e toda a comunidade católica que regiam e decidiam suas ações e personalidade, oferecendo-lhes modelos a serem seguidos. Além do modelo de Maria, a exceção entre as mulheres por ser a única limpa de pecado, e também o de Eva que, ao contrário da Virgem Mãe, é coberta, desde os primórdios da existência humana, pelo pecado, temos entre elas o modelo de Maria Madalena, que foi a pecadora arrependida de seus pecados e que abdicou a eles após ser salva do apedrejamento por Jesus.

Vemos também a “liberdade” das “bruxas” em relação ao seu corpo e sexo, aceitando a sua capacidade orgástica e aproveitando-se dela quando podiam e o medo que essa liberdade impunha na sociedade, principalmente no social masculino, já que todo o seu corpo e fisiologia machucavam, envenenavam e até matavam os homens. Mesmo o seu fluxo menstrual era considerado tão terrível a ponto de terem que isolar-se e teólogos aconselharem homens a manterem-se afastados de mulheres nessa condição fisiológica porque, além de torná-lo impuro durante todo o ciclo já fluido, era considerado um risco para sua vida.



Com isso é possível fazermos uma pequena comparação anacrônica entre esses fatos sobre a sexualidade feminina e o quanto atualmente essas mesmas atitudes ainda são julgadas. Obviamente, não se têm mais a ideologia de que as mulheres copulam com demônios nas matas, no quarto e afins, por exemplo, mas seu corpo ainda é bastante sexualizado, o ciclo menstrual ainda é visto como algo pútrido e repugnante aos olhos dos homens e, até mesmo, de algumas mulheres. O autoconhecimento sexual feminino ainda é tão negativamente criticado que muitas mulheres crescem com vergonha de si mesmas, sem terem a menor noção de como é o próprio corpo pela ideia que é tão intrinsicamente depositada nelas: o pecado. Ou que “mulheres que exploram sua sexualidade são como “prostitutas”.

Há um *quê* do que, atualmente, entendemos como feminismo nas atitudes dessas mulheres que não se submetiam a levar uma vida regrada pela Igreja. Apesar das condenações, ideologias e de, talvez, elas próprias acreditarem que caíram em tentações demoníacas, essas mulheres, as “bruxas”, decidiram tomar as rédeas de suas decisões mesmo que não soubessem disso.

Referências

SILVA, A. L. (s.d.). Mulheres de Satã: Uma Leitura Historiográfica Sobre a Sexualidade e a Inquisição. p. 1 a 15.

MARTINS, A. M. (2013). O Corpo Feminino na Idade Média: Um Lugar de Tentações. p. 1 a 12.

NASCIMENTO, M. F. (s.d.). Ser Mulher na Idade Média. p. 83 a 86.

PIRES, J. D. (5 de Maio - Dezembro de 2015). Visões Sobre o Feminino e o Corpo na Idade Média. p. 14 a 22.

SALLMANN, J.-M. (2002). *As Bruxas Noivas de Satã*. Rio de Janeiro: Objetiva.